



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

NEGRITUDE EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Camila Marchesan Cargnelutti, UFSM

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo principal investigar as possibilidades da contação de histórias como um recurso pedagógico para a formação crítica e reflexiva em sala de aula. O foco do estudo está na abordagem de temáticas relacionadas à negritude, tais como preconceito racial, desigualdade social, respeito à diversidade e valorização identitária e cultural africana e afro-brasileira através da literatura e da arte de contar histórias. A investigação aponta que a contação de histórias, por meio da fantasia, do lúdico, do encantamento e do prazer, pode instigar o tratamento de temáticas difíceis e problemas reais, incentivando reflexões e debates, contribuindo para a construção individual e coletiva de conhecimentos e promovendo a formação reflexiva e crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Contação de histórias. Literatura. Educação. Negritude.

INTRODUÇÃO

Dos conhecimentos milenares dos xamãs às apresentações das trupes atuais, a arte milenar de contar histórias tem se configurado como um importante espaço de diversão, encantamento e aprendizagem. A contação de histórias auxilia no processo de construção coletiva de conhecimentos, possibilitando práticas de ensino e aprendizagem marcadas por atividades prazerosas, interessantes e criativas e contribuindo, dessa forma, para a formação crítica e reflexiva em sala de aula. Além disso, estudos desenvolvidos por pesquisadores de diversas áreas, como Letras, Educação e Artes têm demonstrado as vantagens e os benefícios que a contação de histórias pode proporcionar

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada em comunicação no 5º Seminário Nacional de Língua e Literatura na Universidade de Passo Fundo (RS), em 2014.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

também em relação ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes enquanto leitores iniciantes.

Assim, a contação de histórias pode contribuir para o despertar do interesse da criança e do adolescente pelo mundo literário, estimulando a leitura e a qualificação da sua formação. Dessa forma, conforme Regina Zilberman (1998), as instituições escolares possuem um papel fundamental para a formação infantil, e estão em uma relação constante de intercâmbios e interações com a literatura, auxiliando no desenvolvimento de leitores e cidadãos, que constroem sentidos, interpretações e reflexões a partir de e com os textos literários.

A respeito dessa questão, Nelly Coelho (2009) afirma que a literatura, especialmente a infantil, “tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (COELHO, 2009, p. 15). conforme explica Olivia Pires (2011) é necessário atenção ao trabalhar com literatura em sala de aula, particularmente com o público infantil, uma vez que o excesso de didatismo ao tratar do tema pode ocasionar um afastamento das crianças em relação ao mundo literário.

No entanto, a autora acrescenta que as escolas não podem ser descartadas enquanto espaços para a aproximação entre literatura e alunos, uma vez que a sala de aula se configura como um “ambiente privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, o local de atuação e mediação do professor, sendo assim, um campo importante para o intercâmbio da cultura literária” (PIRES, 2011, p. 15). Assim, uma apropriação de textos literários com objetivos menos didáticos e mais prazerosos, livre para diversas interpretações e criações, pode ser de grande valia em contextos escolares. Para Jorge (2003), o compartilhamento de narrativas literárias entre educandos e educadores contribui para a renovação e para a construção de conhecimentos, em domínios subjetivos e objetivos:

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), (particip)ativa em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura (JORGE, 2003, p.97).

Nesse sentido, o papel do contador de histórias é de importância fundamental, buscando proporcionar ao público o encantamento das histórias literárias através da utilização de diversos recursos como músicas, iluminação, caracterização, vestimentas, tom de voz, movimentos, gestos e olhares. Um dos principais desafios do contador de histórias, por meio dos recursos que a literatura apresenta, é procurar estimular o público pela história contada e, a partir disso, atuar como um mediador entre o estudante e o prazer pela leitura e pela escrita. Segundo Elisiane Lippi e Alessandra Fink (2012), para que isso aconteça:

[...] o contador de histórias não pode meramente escolher uma história aleatoriamente e contá-la aos pequenos. Pelo contrário, o contador de histórias deve preparar o enredo que irá contar, ensaiá-lo, gostar da história que vai contar, cuidar a tonalidade da voz, ser expressivo, elencar quais recursos poderá utilizar, preparar o espaço ideal para que essa contação ocorra com sucesso e de maneira correta. Além desses cuidados, pode-se constatar que o contador de histórias deve interagir com o público ouvinte estimulando-os a criticar e pensar através de questionamentos e reflexões sobre a história contada (LIPPI, FINK, 2012, p. 28).

Ainda de acordo com as autoras, a arte de contar histórias destaca-se por sua importância para o “desenvolvimento das aptidões para o contato com a leitura, com a escrita, com a oralidade, estimulando na criança a sua criatividade, imaginação, formas de expressão oral e corporal, proporcionando um ambiente lúdico de aprendizagem e repleto de sentidos e significados” (LIPPI, FINK, 2012, p. 24). De acordo com Paulo Freire (1989), a leitura crítica do mundo está intrinsecamente relacionada à leitura crítica da palavra, sendo que a leitura daquele antecede a leitura desta que, por sua vez, implica na continuidade, construção e reconstrução da leitura, percepção e interpretação do mundo e da realidade.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

DA FANTASIA À FORMAÇÃO CRÍTICA

As reflexões a respeito das relações entre a leitura crítica do mundo e a leitura crítica da palavra de que fala Freire (1989), também podem ser percebidas em outros estudos, como os de Lippi e Fink (2012), por exemplo. As autoras têm discutido sobre as transformações contemporâneas no campo da educação e a preocupação com a formação integral do educando, destacando o papel fundamental desempenhado pela leitura e pela contação de histórias para o desenvolvimento e formação da criança e do adolescente, enquanto leitores e cidadãos conscientes e críticos:

Devido às constantes mudanças que vêm ocorrendo na educação e a grande preocupação que se acentua cada vez mais em formar o aluno integralmente, ou seja, um indivíduo preparado para a vida, autônomo, crítico e consciente do seu papel enquanto cidadão, depara-se com a importância da leitura nos processos de aprendizagem do ser humano, levando em consideração o fato de que, lendo, se aprende a interpretar os diversos mundos que a literatura infantil apresenta. Sabendo interpretar, automaticamente acontece o ato de criticar. E nisso, encontra-se a oportunidade de através da Contação de Histórias formar leitores críticos, onde o botão mágico para despertar o gosto pela leitura estará inserida nesta prática (LIPPI; FINK, 2012, p. 22).

De acordo com Lippi e Fink (2012), a importância da leitura está ligada principalmente à sua relação com a interpretação dos diversos mundos literários e desta com a construção de reflexões críticas. Embora as autoras dissertem sobre a interpretação de mundos literários, entendemos que o ato de interpretar, refletir e criticar alcançado por meio da leitura pode ultrapassar as fronteiras da literatura e aproximar-se de contextos reais, presentes no cotidiano das crianças e dos adolescentes. Nesse sentido, a contação de histórias pode contribuir na formação de leitores e cidadãos com capacidade crítica em domínios literários e reais.

Divina Neder e Érica Almeida (2009) explicam que a arte da contação de histórias deve ser explorada de maneira criativa, de forma a excitar a imaginação do público, desenvolver sua oralidade, educar, instruir, conhecer a percepção dos alunos sobre diversos assuntos e contribuir para a ampliação ou reformulação de conhecimentos. Sobre a questão da contação de histórias e suas possibilidades de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

interdisciplinaridade Fanny Abramovich (1995, p. 17) explica que é através das histórias que se pode “descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]”.

Assim, as narrativas literárias apropriadas pelos alunos através da contação de histórias nas escolas configuram-se como importantes recursos pedagógicos para o estudo dos mais diversos conteúdos didáticos. Além disso, a arte de contar histórias pode ser utilizada em sala de aula para a discussão de temáticas fundamentais para a formação de crianças e de jovens cidadãos conscientes e críticos em suas interpretações do mundo, tais como temas relacionados à negritude, ao preconceito racial, ao respeito à diversidade e à valorização das identidades culturais.

Souza e Bernardino refletem sobre essa situação e sugerem a promoção, por parte das instituições educativas no contexto pluricultural brasileiro, da divulgação de histórias tradicionais africanas e indígenas, por exemplo, com o intuito de favorecer a construção e a valorização de identidades historicamente excluídas:

Ler, ouvir/contar histórias desperta o pensamento narrativo. Uma forma de pensar coexistente com o pensamento lógico científico, vinculado à subjetividade e ao emotivo, surge em situações onde o sujeito busca compreender através de simbolismos a realidade. Sendo assim, o conto de histórias favorece o psíquico e emocional da criança, que enquanto cresce busca sua identidade baseada nos modelos que convive. A escola tem uma grande responsabilidade nesse processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e de encontrar-se dentro da própria cultura, a escola deveria promover e divulgar contos orais e escritos que mostrem a realidade pluricultural brasileira resgatando história da tradição afro-indígena, favorecendo deste modo a construção da identidade infantil. Há gerações isto vem sendo negado onde se legitimam apenas os contos de origem europeia. (SOUZA, BERNARDINO, 2011, p. 241).

O silenciamento e a desvalorização histórica das culturas, tradições e histórias de grupos sociais subalternizados, tais como a cultura afro-brasileira, em detrimento da perpetuação e valorização de uma identidade branca e europeia, tem reflexos ainda hoje em países como o Brasil, de colonização europeia e com escravidão legal até 1888 – menos de 130 anos atrás. Assim, debater em sala de aula temas como racismo,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

identidade cultural, respeito às diferenças e valorização da pluralidade e da diversidade é de importância fundamental – e urgente – em contextos escolares. Nesse sentido, a contação de histórias pode contribuir, através da fantasia, do prazer e do encantamento, para o tratamento de temáticas e problemas reais e presentes desde cedo na vida das crianças e dos adolescentes negros, promovendo reflexões e contribuindo para a formação identitária negra.

A ABORDAGEM DA NEGRITUDE A PARTIR DA LITERATURA

Em seu discurso intitulado “*O perigo de uma única história*”² Chimamanda Adichie conta algumas de suas experiências ao longo de sua infância e adolescência, para falar sobre os riscos de conhecermos somente um lado da história e de como a literatura desempenha um papel fundamental para que tenhamos acesso a diversas histórias ou a diversas versões sobre uma mesma história. Para exemplificar, a escritora nigeriana relembra um episódio da sua infância, quando seus pais chamaram um menino para trabalhar na propriedade da família. A única coisa que sua mãe falava sobre o menino era que ele vinha de uma família muito pobre e essa era a única história que Chimamanda sabia sobre ele. Até que um dia seus pais levaram-na a conhecer o bairro onde a família do menino morava e ela descobriu que eles faziam cestas artesanais maravilhosamente bem:

Eu venho de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor. Minha mãe, administradora. Então nós tínhamos como era normal, empregada doméstica, que frequentemente vinha das aldeias rurais próximas. Então, quando eu fiz oito anos, arranjamos um novo menino para a casa. Seu nome era Fide. A única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhames, arroz e nossas roupas usadas para sua família. E quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: "Termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?" Então eu sentia uma enorme pena da família de Fide. Então, num sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei

² Discurso proferido em Technology, Entertainment and Design (TED) em 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível pra mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles (ADICHIE, 2009, 3m03s).

A história do menino, na visão de Chimamanda, mudou – sua família continuava a ser pobre, mas agora era pobre e trabalhadora. O exemplo é usado por Chimamanda Adichie para mostrar como somos vulneráveis e facilmente impressionáveis com uma única história. As histórias únicas criam estereótipos, não que sejam necessariamente mentirosos, mas são incompletos e não representativos de uma realidade muito mais complexa. Mostrar mais histórias ou as diferentes visões de uma mesma contribui para promover questionamentos e reflexões. Assim, a literatura assume um caráter de resistência e de luta, contra as violências cotidianas, contra os perigos de uma história única, contra arbitrariedades e desvalorizações, vencendo os silêncios, esquecimentos e preconceitos de muitas gerações.

Na conferência, Chimamanda conta também que sempre leu livros infantis britânicos e americanos e que, quando começou a escrever – ainda criança – suas personagens eram brancas, tinham os olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e bebiam cerveja de gengibre. Além disso, em suas histórias inventadas quando criança, ainda vivendo na Nigéria, as personagens de Chimamanda comentavam o tempo todo sobre como era bom o sol ter aparecido. De acordo com a romancista, suas narrativas reproduziam as leituras britânicas e americanas, demonstrando a vulnerabilidade, particularmente das crianças, em relação aos perigos de uma única história.

A fala da escritora nigeriana, ao longo de aproximadamente 18 minutos de seu discurso, exemplifica perfeitamente a questão do silenciamento histórico que calou histórias, culturas e manifestações de identidade negra durante séculos. Nesse sentido, levar discussões desse teor para a sala de aula através da contação de histórias, considerando a melhor maneira de abordar tais temáticas de acordo com a idade e contexto dos estudantes, configura-se como uma alternativa essencial para o conhecimento de histórias de origem africana, no caso abordado por este artigo, levando outras visões de culturas, narrativas, costumes e tradições, diferentes das hegemônicas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

no país, e colaborando para a reflexão sobre preconceitos, diversidade e igualdade, e contribuindo para a valorização pluricultural e identitária e para a promoção do respeito às diferenças.

Com a finalidade de instigar reflexões a respeito de temas como esses a partir da contação de histórias literárias, há que se considerar o público a quem o contador se dirige. Para estimular construções críticas com o público infantil, poder-se-ia partir, a título de exemplificação, da história *Menina bonita do laço de fita*, da escritora brasileira Ana Maria Machado. A narrativa conta a história de um coelho branquinho que admirava tanto a menina negra com um laço de fita nos cabelos que tenta a todo custo ficar pretinho igual a ela. Através da história de Ana Maria Machado é possível abordar e desenvolver em classe temas relacionados a diversidade racial e cultural brasileira, bem como estimular o respeito à diversidade e promover uma valorização da cultura e da identidade negra entre as crianças.

Já para promover discussões com estudantes do Ensino Médio poderiam ser utilizados como base textos de autores africanos como a moçambicana Lília Momplé e os angolanos Pepetela e Ondjaki. Os cinco contos de Lília Momplé, reunidos em *“Ninguém matou Suhura”*, por exemplo, podem ser uma fonte muito rica para debates e construções críticas em sala de aula. Embora tratem de histórias distintas, apresentam uma linha que os une e os caracteriza como escritas de resistência e denúncia. No conto que abre o livro, *“Aconteceu em Saua-Saua”*, por exemplo, o personagem principal Mussa Racua está a procura dos quilos de arroz que faltaram para pagar a Administração pelo uso da terra. Para isso, percorre toda a aldeia, pedindo a todos os conhecidos e ninguém pode ajudá-lo. A pena para os que não pagam o arroz para a Administração consiste em trabalhar um ano na “Plantação”. Mussa Racua já esteve lá e não consegue nem pensar em ter que voltar, ao lembrar todo o sofrimento e exploração sofridos.

Nos diálogos simples entre os personagens, nos silêncios pesados e através dos pensamentos de Mussa Racua, somos tomados por um contexto histórico e social que muitas vezes fica nas entrelinhas. A solução desesperada de Mussa Racua é o suicídio e mesmo esse seu último gesto de resistência e luta contra os colonizadores é visto com



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

desprezo e tachado de “preguiça” de trabalhar nas plantações de sisal dos colonizadores. A exploração, o medo, a miséria, a desigualdade social entre os negros e os brancos, bem como o racismo são elementos presentes e evidentes neste e nos outros contos de Lília Momplé. Ao mesmo tempo em que os expõem, a autora assume sua escrita como uma forma de denúncia e de resistência, mostrando pelas palavras e pelas entrelinhas preconceitos e silenciamentos históricos, e constituindo uma excelente fonte para o estudo e a reflexão de temáticas dessa ordem em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos ao longo deste trabalho as possibilidades da contação de histórias como uma aliada da prática pedagógica e os poderes e encantos que a prática dessa arte pode proporcionar dentro e fora do espaço escolar, tanto em relação ao desenvolvimento intelectual da criança ou do adolescente – leitura, escrita, fala – quanto em relação à sua formação como leitor e cidadão crítico da palavra e do mundo. Nesse sentido, uma das principais possibilidades da arte de contar histórias como um recurso pedagógico está justamente na aproximação entre a literatura e novos públicos em formação.

Assim, a contação de histórias configura-se como uma importante alternativa para que os estudantes experienciem a leitura e a literatura positivamente – não apenas como um dever didático – obtendo uma experiência prazerosa a partir de e com narrativas literárias, o que contribui para a formação de estudantes leitores. De acordo com Villardi (1997) para a formação de grandes leitores e críticos não é suficiente apenas ensinar a ler, é necessário ensinar o estudante a gostar de ler, a tornar prazerosa sua leitura. Destaca-se nesse processo a atuação do professor contador de histórias como um dos mediadores entre os estudantes e o gosto pela literatura.

Nesse artigo discutiu-se, particularmente, as possibilidades da contação de histórias na abordagem de temas relacionados a negritude, conjugando a fantasia e o encantamento literários no tratamento e na discussão de temáticas difíceis, pautadas em problemas reais e presentes no cotidiano de crianças e jovens negros de todo o país. Nesse sentido, a “leveza” proporcionada pela imaginação na contação de histórias pode



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

funcionar como um excelente ponto de partida para entabular discussões desse teor e facilitar a expressão de experiências e vivências relacionadas à temática racial, contribuindo para a desconstrução do imaginário negativo e para a valorização da identidade cultural africana e afro-brasileira.

Ao levar em consideração que o ato da leitura vai muito além da simples decodificação de signos, implicando em percepções, interpretações e reflexões sobre o texto (FREIRE, 1989), o professor contador de histórias possui um recurso muito rico para promover a criticidade entre os estudantes. Dessa forma, a arte da contação de histórias também pode auxiliar na construção de leituras críticas não somente das palavras, mas também do mundo. Mais do que isso, pode contribuir para a escrita ou reescrita desse mundo por meio da construção ou reconstrução coletiva de conhecimentos, saberes e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2009.
- FINK, Alessandra Tiburski. **O ensino-aprendizagem e a formação do leitor a partir da literatura infantil**. Monografia de conclusão de curso (Pedagogia). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- JORGE, L. S. Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias. In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LIPPI, Elisiane; FINK, Alessandra. A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas. **Vivências**, Frederico Westphalen, Vol. 8, n. 14, p. 20-31, maio/2012.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Melhoramentos 1986.

MOMPLÉ, Lília. **Ninguém matou Suhura**. Maputo: AEMO, 1988.

NEDER, Divina; ALMEIDA, Érica, et al. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, Vol. 1, n. 1, p. 61-64, jan./jun. 2009.

PIRES, Olivia da Silva. **Contribuições do ato de contar histórias na educação infantil para a formação do futuro leitor**. 37 f. Monografia de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2011.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**. Cascavel. Vol. 6, n. 12, jul./dez. 2011, p. 235-249.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.